



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Leo Vasconcelos Pinto Castelo Branco

**Crônicas das relações entre o espetáculo da cultura e a
política espetacular**

REDENÇÃO-CE-BRASIL

2016

Leo Vasconcelos Pinto Castelo Branco

Crônicas das relações entre o espetáculo da cultura e a política espetacular

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso Bacharelado em Humanidades da UNILAB, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Vieira da Silva Filho

REDENÇÃO-CE-BRASIL

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte
Bibliotecária: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

Castelo Branco, Leo Vasconcelos Pinto.

C345c

Crônicas das relações entre o espetáculo da cultura e a política espetacular. / Leo Vasconcelos Pinto Castelo Branco. – Redenção, 2016.

48 f.; 30 cm.

Monografia do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Vieira da Silva Filho.
Inclui Referências.
1. Política e cultura – Brasil. 2. I. Título.

CDD 306.0981

Leo Vasconcelos Pinto Castelo Branco

Crônicas das relações entre o espetáculo da cultura e a política espetacular.

Monografia julgada e aprovada para a obtenção de diploma de graduação no curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Data: ___/___/___

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Vieira da Silva Filho (UNILAB)
Orientador

Prof. Dr.^a Francisca Rosália Silva Menezes
1^a Examinadora

Prof. Dr. Sálvio Fernandes de Melo
2^o Examinador

*A todos nós, povo brasileiro, tão carente de
autoconsciência.*

Agradecimentos

Este trabalho, não obstante seu condicionamento à realidade atual da sociedade brasileira, é fruto de alguns anos de dedicação ao curso o qual, depois de tantos outros deixados pelo caminho, concluo com satisfação.

Para tanto, exponho meus gratos sentimentos a quem me fez percorrer, em sua totalidade, esse percurso, misto de emancipação e empossamento.

Agradeço à minha família pelo apoio a mim prestado, pontualmente. Sobretudo à minha mãe Dilce Helena Vasconcelos Pinto e seus cuidados em tempo integral, à minha tia-avó Maria Lucimar Amora Vasconcelos a quem devo meus primeiros traços e à minha esposa Antonia Izamara Araújo de Paula com quem divido a experiência da vida em construção.

Agradeço ao estímulo dos amigos, colegas e professores. Aos mais próximos devo todos os fundamentos daquela filosofia, forjada no RU, nos pátios e nos corredores. Agradeço a parceria de Nairla Germano, Adriana Santana e Jannieiry Araujo. A conversa agradável e os aconselhamentos de Sérgio Wirtzbiki. E a imensurável paciência e compreensão de meu orientador, professor Dr. Antônio Vieira da Silva Filho.

“O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso.”

(Guy Debord)

“A venda sobre os olhos da Justiça não significa apenas que não se deve interferir no direito, mas que ele não nasceu da liberdade”

(Adorno e Horkheimer)

“Os lírios não nascem da lei”

(Carlos Drummond de Andrade)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre o potencial ideológico da cultura em suas relações com a política, levando-se em consideração o modelo social capitalista e a relação democracia-autoritarismo na atual conjuntura do Brasil. Observou-se a atual crise do país como contendo dois aspectos principais, a saber, a crise da democracia sob a ótica do Estado Democrático de Direito que, por sua vez, se apresenta em duas narrativas, a do rompimento democrático e a da legalidade constitucional e jurídica e, por outro lado, a crise do capitalismo sob a ótica da falibilidade e degradação desse mesmo Estado burguês advindo do modelo implantado na Revolução francesa. O poder de manipulação ideológica exercido através da cultura sobre a esfera política é considerado a partir do conceito de indústria cultural, e da monopolização do discurso. Esta se dá tanto no âmbito de regimes fechados através da censura, como no âmbito da constituição de oligopólios e monopólios de interesses de classe na sociedade burguesa. Agregado a instituição do discurso uníssono tem-se a manipulação da psique social, empreendida por meio de mensagens subliminares e da implementação do discurso do ódio. O estudo aponta para a necessidade da regulamentação e democratização da mídia, como um passo importante para a autoafirmação da resistência popular.

Palavras-chaves: política; indústria cultural; espetáculo; crise da democracia; crise do capitalismo.

Abstract

This undergraduate thesis aims to discuss the ideological potential of culture in its relations with politics, taking into account the capitalist social model and the relationship democracy-authoritarianism in the current Brazilian context. The current crisis of the country was observed as containing two main aspects, namely, the crisis of democracy from the point of view of the Democratic State of Law, which, in turn, is presented in two narratives: that of democratic disruption and that of constitutional legality. And on the other hand, the crisis of capitalism from the point of view of the fallibility and degradation of the bourgeois state itself, arising from the model implanted in the French Revolution. The power of ideological manipulation exercised through culture over the political sphere is considered from the concept of cultural industry, and from the monopolization of discourse. This occurs both within closed regimes through censorship and in the context of the constitution of oligopolies and monopolies of class interests in bourgeois society. Added to the institution of the unison speech is the manipulation of the social psyche, undertaken through subliminal messages and the implementation of hate speech. The study points to the need for regulation and democratization of the media as an important step towards self-assertion of popular resistance.

Keywords: politics; cultural industry; spectacle; crisis of democracy; crisis of capitalism.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CRÔNICAS DAS RELAÇÕES ENTRE O ESPETÁCULO DA CULTURA E A POLÍTICA ESPETACULAR...	13
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

A distinção entre partidos na política atual é de mesma índole da distinção entre mercadorias culturais empreendida pela indústria cultural. Os indivíduos são enquadrados enquanto massa, dados estatísticos, tanto nos escritórios quanto nos gabinetes. Nenhum desvio é permitido para além da margem de erro. O cálculo padronizado e padronizante das pesquisas estatísticas é o mesmo para consumidores e eleitorado. A burguesia não permite saída que ponha em risco seu modelo democrático-capitalista. Já não se esconde a verdade sobre o real modelo: a plutocracia. Aqui, toda fuga é para dentro, a aparência revolucionária da proposta política bem como da mercadoria cultural, torna inofensiva sua efetivação. Todos são livres para votar e consumir o que já foi antecipadamente preparado. Os acordos, as investidas e trapaças políticas não diferem das econômicas. A mídia endossa a revolta dos espectadores enquanto castra-lhes a real consciência. Eles devem se acostumar com a desordem enquanto ordem universal. O monopólio da política – que agrega em si o monopólio da mídia – realiza com a consciência política do cidadão o que a indústria cultural já havia realizado com sua consciência de classe. Elas são deturpadas por outra consciência – forjada no espetáculo da sociedade burguesa – a de que não há saída.

Não obstante, no Brasil, no campo minado da democracia burguesa, onde toda suspeita revolucionária é reprimida, alguns partidos tentam jogar o jogo da “conciliação de classes” (POCHMANN, 2016, 40:18 min), e suprir, minimamente as demandas das classes desfavorecidas. Contudo, a ínfima ascensão destas provoca uma turbulência no modelo o qual, segundo Marcio Pochmann, em palestra proferida na mesa de abertura do *II Salão do Livro Político*, intitulada *O impeachment de 1992 e o golpe de 2016*, tornou-se inviável desde as eleições de 2014. O projeto neoliberal derrotado anteriormente por três eleições, já havia delineado, para esta, o terceiro turno, sua única possibilidade de subida ao poder. A tentativa frustrada de “fomentar [...] desconfianças [...] no seio da sociedade brasileira” (MATAIS; ROSA; BULLA, 2014), em relação “à confiabilidade da apuração dos votos e à infalibilidade da urna eletrônica, baseando-se em denúncias das mais variadas ordens” (MATAIS; ROSA; BULLA, 2014) – sobretudo em boatos de redes sociais – não foi a única investida. O pedido de *Impeachment* sem argumentos palpáveis,

e provas concretas que caracterizassem o(s) crime(s) de responsabilidade fiscal, requisito para a abertura do processo, fez com que essa ala política derrotada pelo voto democrático, empreendesse uma empreitada de alongadas dimensões. O recrutamento de significativos setores da grande mídia agregados à maioria no parlamento dera forma a causa, ao que se convencionou chamar de “conjunto da obra”, ou seja, a derrocada de um projeto, minimamente popular, quando este passou a enfrentar um período de crises e impopularidade. Dessa forma, faz-se necessário lançar um olhar sobre as intrincadas relações as quais levaram a crise da democracia brasileira, sobretudo entre o espetáculo da cultura e a política espetacular, no que tornou-se uma espetacularização geral – fomentada pela mídia – do mundo burguês.

CRÔNICAS DAS RELAÇÕES ENTRE O ESPETÁCULO DA CULTURA E A POLÍTICA ESPETACULAR

O nazismo fez da propaganda uma de suas mais poderosas e efetivas armas. Hitler conhecia sua eficácia e soube, a tempo, se apoderar da técnica para empreender seu “governo de salvação”. Em seu discurso proferido no Krolloper em 23 de março de 1933, Hitler afirma que

[...] com essa política de purificação de nossa vida pública, o governo do Reich procederá um inteiro expurgo moral do corpo da nação. Todo sistema educacional, o teatro, o cinema, a literatura, a imprensa e o rádio – tudo será empregado como um meio para este fim [...] para a manutenção dos valores eternos presentes no caráter essencial de nosso povo. A arte sempre ficará sendo a expressão e o reflexo dos anseios e da realidade de uma época [...] O heroísmo avança apaixonadamente e no futuro moldará e norteará o destino político [...] É tarefa do governo providenciar que justamente num período de poder político limitado, os valores vitais internos e a vontade de vida da nação encontrem um gigantesca expressão cultural [...] Em todas as áreas de nossa vida histórica e cultural, deve ser erigida esta ponte entre passado e futuro. O respeito diante dos grandes homens deve ser ensinado novamente aos jovens como herança sagrada. À medida que o governo está decidido a proceder com a desintoxicação política e moral de nossa vida pública, ele consegue e assegura as condições para uma verdadeira e profunda vida religiosa. (HITLER, 1933)

Os norte-americanos, que também já haviam aprendido a lição, se valeram desse mesmo poder para, décadas depois, empreenderem a máxima maquiavélica que, grosso modo, é bem explicativa do que representou a Guerra Fria. “Dividir para governar” significou, naquela altura, glorificar uma aparente liberdade guiada pela mão invisível do

mercado¹ (na verdade, pelo espetáculo nebuloso do mundo das mercadorias) em detrimento do que, significativamente, se convencionou chamar de cortina de ferro².

Algumas décadas depois, a América Latina sofre o que se pode chamar de uma recomposição dessa bipolaridade. Aqui se deu a recaricaturação de um dos maiores personagens hollywoodianos das telas de cinema, transposto, sobretudo, para os telejornais latino-americanos. Sua representatividade é efetiva, sua eficiência é a mesma. Quase nada se deu na reconfiguração do Espião russo, a não ser o ruborizar de sua capa. Em meados do século XX, este personagem das telonas representou o pavor do bloco soviético e do comunismo, inculcado pelos norte-americanos em todo o mundo capitalista³. Agora, no século XXI, o Espião vermelho, apátrida e maléfico encarna tudo o que no século passado representaram os judeus. Aquele está para a América Latina assim como esses estavam para a Alemanha nazista. O estereótipo da cor e da ideologia se confundem, e o Espião deixa de ser apenas russo. Submetido àquela bipolaridade, ele é já cubano, venezuelano, bolchevista e imundo. O mundo novamente se divide nos resquícios de uma Guerra Fria mal resolvida. E o medo e o ódio ao Espião russo traduzem-

¹“Adam Smith pensa a ordem social como uma emergência que harmoniza o caos potencial dos interesses individuais e o traduz em bem-estar para a sociedade. Em vez de se chocarem [...] os interesses privados são agraciados por uma mão invisível que os orienta para o bem-estar coletivo. Uma solução aparentemente harmoniosa que supõe a dissipação dos conflitos próprios de uma sociedade hierarquizada. [...] a mão invisível —, funciona como um operador social. Nesse sentido, o mercado é entendido como algo mais complexo do que um locus de troca e a mão invisível como mais do que um simples mecanismo de ajuste automático, representando a própria viabilização da ordem social, seu operador último, sua forma de organização social. E não é por outra razão que a teoria do mercado de Smith se torna inquestionavelmente a matriz teórica da ordem social liberal e a economia passa a ser entendida como essência da sociedade, terreno sobre o qual a harmonia social pode ser pensada e praticada”. (GANEM, 2000, p. 11)

² “[...] expressão célebre utilizada para designar o domínio da extinta União Soviética sobre os países do leste da Europa [...] surgiu de um discurso do primeiro-ministro britânico Winston Churchill, proferido a 5 de março de 1946 no Westminster College, na cidade de Fulton, Missouri, nos Estados Unidos. Afirmava Churchill [...] que ‘...uma cortina de ferro desceu sobre a Europa...’, dando a entender que havia sido estabelecida uma severa divisão político-ideológica entre os regimes autoritários comunistas e os sistemas liberais capitalistas, com a imagem do bloco socialista pintada como a vilã da contenda”. (SANTIAGO).

³ A exemplo de filmes que retrataram o personagem-estereótipo na luta ideológica da Guerra Fria temos: *The Thief* (O Ladrão Silencioso), 1952; *The manchurian candidate* (Sob o domínio do mal), 1962; *The Tamarind Seed* (Sementes de Tamarindo), 1974; *Invasion U.S.A.* (Invasão U.S.A.), 1985; *Little Nikita* (Espíões sem Rosto), 1988; *Red Scorpion* (Escorpião Vermelho), 1989; e tantas outras produções que se pautavam na propaganda político-ideológica a que foi submetida a Terra dividida em dois blocos antagonísticos, os quais foram retratados nas telonas – principalmente por produções norte-americanas – como a encarnação reducionista do Bem e do Mal, respectivamente representados pelo bloco livre, democrático e capitalista liderado pelos EUA e o bloco obscuro, imoral e antiético que empreendia a destruição da humanidade, associado ao comunismo da URSS. Nesse sentido, vale acrescentar na lista *Rocky IV* de 1985, além do significativo personagem Rambo (também representado pelo ator Sylvester Stallone), sobretudo nos três primeiros filmes da série: *First Blood* (Rambo: Programado para Matar), 1982; *Rambo: First Blood Part II* (Rambo II - A Missão), 1985; *Rambo III*, 1988.

se no medo e no ódio a outro vilão: o vulgo esquerdopata, o estereótipo do comunista e malfeitor dos novos tempos. Dessa forma, o pensamento burguês latino-americano, fielmente representado pelo monopólio da mídia privada, parece querer atropelar a própria lei do capital quando ao invés de reduzir (como lhe é próprio) o Espião (ou o que ele aqui representa) ao estado vegetativo de seu *exército industrial de reserva*⁴ ou mesmo, avistando seu fim, cobrá-lo – como fez a Alemanha nazista ao submeter os judeus a trabalhos forçados nos campos de concentração – as despesas de seu grotesco funeral, quer a todo custo e o quanto antes, expurgá-lo definitivamente.

A televisão brasileira já não é mais apenas a mensageira daquele país do futebol e do carnaval, onde a democracia é quase que desnecessária, visto a simpatia, a bondade, a solidariedade e a receptividade daquele povo uno. Ele agora despe-se do mito da miscigenação e da democracia racial, ao tempo em que reaprende a lição norte-americana tal como no *dia que durou 21 anos*⁵. A elite burguesa do Brasil prossegue a importar seu luxo e ideologia. Aqui, os “petralhas” e toda sorte de “esquerdopatas” da *Latino-América libre*⁶ do século XXI devem ser neutralizados. E não só as classes “depravadas” do macrocosmo, mas, não menos incomodativas, as “minorias” tais como: negros,

⁴ “À medida que se implementam inovações técnicas poupadoras de mão-de-obra, tais ou quais contingentes de operários são lançados no desemprego, em que se mantêm por certo tempo, até quando a própria acumulação do capital requeira maior quantidade de força de trabalho e dê origem a novos empregos. Assim, a própria dinâmica do capitalismo atua no sentido de criar uma *superpopulação relativa flutuante* ou *exército industrial de reserva* [...] elemento estrutural indispensável ao modo de produção capitalista e daí sua incessante reconstituição mediante introdução de inovações técnicas, o que torna essa reconstituição independente do crescimento vegetativo da população. O exército industrial de reserva funciona como regulador do nível geral de salários, impedindo que se eleve acima do valor da força de trabalho ou, se possível e de preferência, situando-o abaixo desse valor. Outra função do exército industrial de reserva consiste em colocar à disposição do capital a mão-de-obra suplementar de que carece nos momentos de brusca expansão produtiva, por motivo de abertura de novos mercados, de ingresso na fase de auge do ciclo econômico etc”. (GORENDER, 1996, p. 41-42).

⁵ *O Dia que durou 21 anos* é um documentário que apresenta “os bastidores da participação do governo dos Estados Unidos no golpe militar de 1964 que durou até 1985 e instaurou a ditadura no Brasil [...] O mundo vivia a Guerra Fria quando os Estados Unidos começaram a arquitetar o golpe para derrubar o governo de João Goulart. As primeiras ações surgem em 1962, pelo então presidente John Kennedy [...] Depois do assassinato de Kennedy, em novembro de 1963, o texano Lyndon Johnson assume o governo e mantém a estratégia de remover Jango, apelido de Goulart. O temor de que o país se alinharia ao comunismo e influenciaria outros países da América Latina, contrariando assim os interesses dos Estados Unidos, reforçaram os movimentos pró-golpe [...] O governo norte-americano estava preparado para intervir militarmente, mas não foi necessário, como ressaltam historiadores e militares. O general Ivan Cavalcanti Proença, oficial da guarda presidencial, resume: ‘Lamento que foi um golpe fácil demais. Ninguém assumiu o comando revolucionário’ [...] O Dia que durou 21 anos é uma coprodução da TV Brasil com a Pequi Filmes, com direção de Camilo Tavares. Roteiro e entrevistas de Flávio Tavares e Camilo Tavares” (*O Dia que durou 21 anos*. Disponível em: < <http://tvbrasil.ebc.com.br/odiaquedurou21anos> >. Acesso em: 18 ago. 2016. 18:20).

⁶ Da música *Extra cool* de Belchior.

deficientes, mulheres e homossexuais, não serão – assim como não foram – suportadas por regimes autoritários, sejam eles disfarçados ou não. Já dizia o lema: “*Brasil, ame-o ou deixe-o!*”⁷, um tanto repetido quando se trata de podar – o mais precocemente possível – a ascensão das classes populares, sob qualquer desculpa – seja econômica, cultural, política e\ou, sobretudo, ideológica – que sirva à manutenção e\ou retomada do poder pela elite. Há de ter algo de semelhante entre Jango e Dilma, assim como entre o cinema da segunda metade do século XX e a TV da atualidade.

No capítulo intitulado *Cultura e nacionalismo* de sua obra *Cultura posta em questão* de 1965, Ferreira Gullar, tratando do caráter nacional e mesmo nacionalista que a cultura popular deve exercer a partir de seu enraizamento na realidade do país, aponta para os perigos da importação de conceitos prontos no que se refere à crítica de arte, assim como a transposição integral de modelos e valores entre fronteiras culturais distintas, sobretudo entre países ditos desenvolvidos e subdesenvolvidos. Dado esse pontapé inicial, Gullar vai tratar de várias expressões artísticas, como literatura e artes plásticas, mas é sua análise do cinema que se faz, agora, pertinente. Segundo o autor de *Dentro da noite veloz*, não deve-se negligenciar a significação do cinema “como instrumento de formação e educação, como veículo de mensagens políticas e ideológicas”, é necessário “reconhecer que o cinema norte-americano, pelo domínio que exerce sobre nosso mercado, desempenha indireta – e às vezes diretamente – o papel de uma gigantesca máquina de publicidade”, a catequisar, de acordo com seus interesses “a opinião pública brasileira” (GULLAR, 2006, p. 35). Gullar exemplifica:

Quando filmava *Deus e o Diabo na terra do Sol*, no sertão da Bahia, Glauber Rocha encontrou, num povoado, um camponês que lhe disse: ‘Se vier a revolução, fico com os americanos. Os comunistas são maus. E reforma agrária é coisa de comunista.’ O cineasta ficou surpreso. Além das poucas casas o povoado tinha apenas um posto e garagem de caminhões da Coca-Cola e junto da igreja, uma cabine de cinema. Pois foi nessa cabine, onde passam filmes em 16mm contra a revolução cubana, contra a China e URSS, e louvando os norte-americanos, que aquele camponês sem terra aprendeu a ser contra a reforma agrária e a favor do latifúndio que nem o ensina a ler [...] (GULLAR, 2006, p. 35)

Pouco ou nada mudou da década de sessenta para a atualidade, no que diz respeito à manipulação ideológica exercida através de expressões artísticas e meios de

⁷ “De acordo com a Comissão Nacional da Verdade, cerca de 50 mil pessoas tiveram a cidadania diretamente violada durante o período, marcado pela intolerância do lema criado pelo governo militar [...]” (GANDRA, 2014.)

difusão da informação. É nesse contexto que, no século XXI, as massas sul-americanas compactadas buscam seu afrouxamento⁸, para tão logo emprenderem sua “revolução” que, de todo modo e provavelmente, “não será televisionada”⁹. Reconfigurados e aparelhados de toda sorte, “os ferozes padeiros do mal. / Os ferozes leiteiros do mal”¹⁰, prosseguem em seu ignóbil labor: “a falsificação das palavras” a todo instante “pingando nos jornais”¹¹.

“A novelização do escândalo” (GOMES, 2016, 24:22 min) enquanto “elemento de distração da opinião pública brasileira” (GOMES, 2016, 6:56 min), é da mesma índole do “princípio da diversão enquanto princípio burguês esclarecido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119). Ambos impõem uma névoa sobre a “consciência cidadã” (GOMES, 2016, 7:50 min), bem como sobre a consciência de classe. Distração e diversão se equivalem em seu real sentido, “a apologia da sociedade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119). Aqui “divertir-se”, tal qual distrair-se, “significa estar de acordo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119). A grande mídia que omitiu e manipulou no século passado, omite e manipula na atualidade: o desprezo ao coro das *Diretas Já* equivale ao atual desprezo do *Não vai ter golpe*. A espetacularização das instituições é o pano de fundo dos acordos econômico-político-jurídico-midiáticos, sua

⁸ Segundo Benjamin, “a consciência de classe [...] transforma fundamentalmente [...] a estrutura da massa proletária”. Sua formação compacta é superada tão logo o proletariado “assume sua luta de libertação”, ao transcender de um estado de “mera reação” passando “para a ação”. Nesse âmbito, “o afrouxamento das massas proletárias” ocorre por força da “solidariedade da luta de classes”, a qual executa a abolição da “oposição morta, não dialética, entre indivíduo e massa”. Nesse sentido, “o dirigente revolucionário” empreende seu “maior desempenho” não para “atrair a massa para si”, mas, sobretudo, para “novamente, deixar-se integrar na massa”. Todavia, ao afrouxar “a massa compacta dos proletariados”, “a luta de classes” acaba por comprimir “a classe dos pequenos burgueses”. Esta sim se constitui enquanto uma massa compacta, “impenetrável”. Sua condição tanto mais se agrava, ou seja, ela tanto mais se comprime, quanto mais se intensifica “a pressão a que é submetida entre as duas classes inimigas”, ou seja, “entre a burguesia e o proletariado”. A massa pequeno burguesa “com suas reações imediatas, constitui a antítese dos quadros proletários”. Desse modo, “as manifestações” daquela “carregam [...] um traço de pânico”. Assim, a mesma classe compacta que, no século passado, deu “expressão ao entusiasmo pela guerra, ao ódio contra os judeus ou ao impulso de autoconservação”, hoje empreende o projeto armamentício, a caça homofóbica, a censura ao magistério, o ódio aos que batizaram de “esquerdopatas” e o fomento à fraude. Ao compreender o funcionamento do “instinto contrarrevolucionário da pequena burguesia”, a classe que a ela sede seus valores, adota sua compactação. (BENJAMIN, 2012, p. 78-84.).

⁹ *A revolução não será televisionada*, documentário produzido em 2002 pelos irlandeses Kim Bartley e Donnacha O'Briain, o qual retrata o golpe de estado ocorrido em abril do mesmo ano contra o Presidente Hugo Chávez. O título do documentário, por sua vez, provavelmente faz alusão a Gil Scott-Heron – cantor e compositor norte americano da década de 60-70, crítico da parcialidade e do grau de corporativismo dos meios de comunicação e difusão da informação – o qual tem uma canção de mesmo título: “The Revolution Will Not Be Televised”.

¹⁰ Do poema *A flor e a náusea* de Carlos Drummond de Andrade

¹¹ Do poema *Nosso tempo*, Ibidem.

seleção dos fatos se apresenta como uma seleção natural e o espetáculo como a imutável realidade. As redações e os estúdios retomam a velocidade digna dos grandes escândalos e aproveitam o *bum* especulativo ao tempo em que novamente empreendem o que encarnaram seus representados e representantes (a ala neoliberal, conservadora e toda sorte de reacionários), que trazem novamente à ordem do dia as palavras de Carlos Lacerda sobre a candidatura de Getúlio Vargas: “[...] não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado devemos [...] impedi-lo de governar” (LACERDA, 1950, apud, DELGADO, 2005, p. 4). Dessa forma, a “irresponsabilidade” (LACERDA, 1950, apud, DELGADO, 2005, p. 13) e o “comunismo” (LACERDA, 1950, apud, DELGADO, 2005, p. 4) são reinseridos no coro político-midiático, em seu quadro de pretextos para os “golpe[s] em nome da democracia” (DELGADO, 2005, p. 4) que, historicamente, abatem os governos, minimamente, populistas. Estes caem sob os votos de gratidão às instituições autoritárias e toda sorte de parafernalias num espetáculo que, se não metafísico, no mínimo curioso: “[...] se tiver alguém fazendo algum tipo de composição, neste processo, é Deus. Foi Deus que fez com que várias pessoas, ao mesmo tempo [...] percebessem o que estava acontecendo com nosso país [...]”¹². “Que Deus tenha misericórdia dessa nação”¹³.

Ao deixar o Palácio do Planalto, cortejada por representantes populares de movimentos sociais (estes têm duas faces, a depender de quem os expõe), a Presidenta da República afastada, Dilma Rousseff, compreendia, naquele mesmo momento em que sua imagem era reproduzida em tempo real, a poderosa eficácia do aparato a qual não foi capaz de subverter a seu favor. O erro fatídico de não regulamentá-lo¹⁴ mostra o quanto

¹² Discurso da advogada da acusação Janaína Conceição Paschoal, em sessão de julgamento do processo de *Impeachment* no senado federal em 30 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2016/08/janaina-paschoal-reafirma-pedaladas-fiscais-e-pede-desculpas-a-dilma-pelo-sofrimento-causado>>. Acesso em: 09 set. 2016. 01:53.

¹³ Discurso proferido pelo até então presidente da Câmara dos deputados Eduardo Cunha (PMDB, RJ), em seu voto favorável à abertura do processo de *Impeachment* em desfavor da Presidenta da República Dilma Rousseff, na sessão deliberativa de 17 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V-u2jD7W3yU>>. Acesso em 28 ago. 2016. 12:00.

¹⁴ Desde a campanha eleitoral de 2014, o tema é mote de disputa política e controvérsias sociais. Segundo Pedro Ekman e Bia Barbosa, a “mídia comercial [...] não perde oportunidades para alimentar a versão de que há um plano da esquerda para controlar a mídia e impedir críticas ao governo [...] O esforço é um só: manter inalterada a atual situação de concentração econômica e de ausência de diversidade e pluralidade na mídia brasileira [...] Outro mantra entoado pelos oponentes da regulação da mídia é que esta seria uma tentativa de acabar com a liberdade de imprensa e transformar o Brasil num país comunista.” (EKMAN; BARBOSA, 2014). Segundo Ekman, “[...] a democracia existe no papel, mas não se realiza na prática. O

sua aparência democrática se constitui mais forte que a própria democracia, num tempo em que verdadeiro e falso se confundem em todas as esferas da sociedade (da cultural a política; da religiosa a jurídica) em que reine a ideologia burguesa.

A democracia burguesa, dizia Silvio Mota¹⁵ em sua participação no *Ato/Debate Contra o Golpe Militar-Burguês de 1964 e suas repercussões no presente*, só existirá vigente e em plenitude, quando e somente quando, se fizer útil aos interesses da burguesia. É expressivo de uma tal afirmativa, um jogo em que torcida, time e juiz se constituem e completam em unidade. Ou ainda, se fossemos capazes de vencer as barreiras do tempo, reuníssemos numa execução Belchior Nunes Carrasco, Joseph Ignace Guillotin e a Corte Criminal de Nuremberg¹⁶ – fosse esta constituída pelos parlamentares que ocuparam a

artigo 220 da Constituição define que não pode haver monopólio ou oligopólio na comunicação social eletrônica. A Globo, no entanto, controla 70% do mercado, faturando sozinha mais do que todas as demais empresas de comunicação. (EKMAN, 2015). Segundo reportagem de Emanuelle Brasil, edição de Daniella Cronemberger da Agência Câmara Notícias, “A retomada do debate sobre a regulamentação econômica da mídia [...] uma das promessas feitas por Ricardo Berzoini ao assumir o Ministério das Comunicações [...] divide a opinião de deputados [...] ‘É um absurdo essa proposta. Certamente foi encomendada para censurar a imprensa e as práticas democráticas. O PSDB, tanto na Câmara quanto no Senado, vai confrontar essa matéria, que não corresponde aos sentimentos nacionais’, afirmou o líder do PSDB, deputado Antonio Imbassahy (BA). Já a deputada Luiza Erundina (PSB-SP) afirma [...] ‘Os setores dominantes da sociedade não têm nenhum interesse em mudar a dinâmica de poder da mídia’ [...] A secretária do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), Renata Mielli, atribui o atraso no debate sobre a regulamentação ao interesse contrário de alguns parlamentares. ‘Um obstáculo grave para essa discussão é o fato de termos tantos parlamentares como concessionários de rádio e televisão no Congresso, em razão do processo da década de 1980 e início da década de 1990 para conceder outorgas como moedas de troca em votação de projetos. A gente tem o que se chama de coronelismo eletrônico’, afirma [...] Para Antônio Imbassahy, no entanto, esse tipo de crítica tem o objetivo de constranger os parlamentares. ‘Se essas concessões irregulares acontecem, é preciso que sejam corrigidas’, afirma. ‘Uma coisa é censurar a imprensa brasileira, outra coisa é corrigir eventuais irregularidades.’” (BRASIL, 2015). Segundo Leandro Melito, Noelle Oliveira e Priscila Ferreira, “Propostas que tratam de assuntos correlatos também tramitam no Congresso Nacional desde 1988. O atual presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB), já expressou opinião sobre o tema. ‘Não apoio, não comungo, nem sequer admito discutir iniciativa, a qualquer pretexto, que pretenda regular a mídia’, declarou em Plenário. No mesmo caminho, o [até então] presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), afirmou que a manutenção da democracia no Brasil depende, ‘fundamentalmente’, da liberdade de expressão e da ausência de regulação da mídia ou de qualquer outro controle do gênero.” (MELITO; OLIVEIRA; FERREIRA, 2015).

¹⁵ Silvio Mota é “Juiz Federal do Trabalho (CE), Ex-combatente da GTA/CE (ALN), membro do Comitê Memória, Verdade e Justiça (CE) e da Associação Brasil-Cuba”. (*Ato/Debate Contra o Golpe Militar-Burguês de 1964 e suas repercussões no presente*. Assecom, 29 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/noticias/2016/03/29/atodebate-contra-o-golpe-militar-burgues-de-1964-e-suas-repercussoes-no-presente-e-realizado-na-unilab/>>. Acesso em: 19 ago. 2016. 11:00.)

¹⁶ “Em Lisboa, antes do século XV, havia um algoz, chamado Belchior Nunes Carrasco. O homem ficou célebre e seu sobrenome passou a designar o ofício” (PIMENTA, 2002, p. 60)

Câmara Baixa no dia 17 de abril¹⁷ – para a extirpação – no sentido mais amplo da palavra – de um inimigo comum: fosse ele aquele espião, ou mesmo um Guevara com uma estrela vermelha estampada no peito, vociferando: abaixo golpistas!

De todo modo, não se necessita vencer as barreiras do tempo para se ter como sabido a atualidade do questionamento que impulsionou Adorno e Horkheimer, no que se tornaria uma das maiores obras do pensamento ocidental do século XX. Quando escreviam a quatro mãos a *Dialética do Esclarecimento*, os frankfurtianos se propuseram a “de fato, nada menos do que descobrir porque a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11).

“Os 120 dias de Sodoma”¹⁸, quer dizer, o “museu de grandes novidades”¹⁹ constituiu-se. O novo governo *vai passar*, mas seu “estandarte do sanatório geral”, com suas “tenebrosas transações”²⁰, já havia, há tempos, aterrissado no parlamento. Do palhaço ao ídolo da música sertaneja; do jogador de futebol ao traficante de cocaína; do

Joseph Ignace Guillotin (1738-1814), médico francês, propôs o uso do instrumento – o qual ganhou seu sobrenome – “às autoridades francesas [...] para uma execução rápida, eficiente e menos cruel” (Idem, p. 109)

“Nuremberg, cidade da Alemanha, sediou o primeiro Tribunal Internacional constituído pra julgar crimes cometidos durante o segundo conflito mundial. Ocorreu entre novembro de 1945 a outubro de 1946 [...] As controvérsias gizadas pela doutrina jurídica quanto ao Tribunal de Nuremberg se assentam no uso da pena de morte, no princípio básico do direito Penal – ‘nullapoenasine lege’ e na sua composição injusta, afirmam que deveria ser formado por representantes de nações neutras e não por representantes das potências vencedoras [...] De fato Nuremberg representou a vingança dos vencedores contra os aliados do Eixo, isso foi revelado tanto pela escolha dos acusados, quanto pela determinação dos seus advogados e juizes do referido tribunal. Naquele momento o mundo estava sedento por justiça, clamava pela punição daqueles que haviam destruído famílias [...] Havia o ressentimento, houve talvez algumas injustiças no que se refere ao plano do Direito Penal, no entanto o mundo precisava restabelecer a paz internacional e a punição dos infratores era mais do que necessário para isso.” (VALÉRIO, 2006.)

¹⁷ Dia em que a câmara dos deputados votou a abertura do processo de Impeachment em desfavor da Presidenta da República Dilma Rousseff.

¹⁸ *Salò o le 120 giornate di Sodoma*. Filme de Pier Paolo Pasolini, de 1975, inspirado na novela do Marquês de Sade *Les 120 journées de Sodome* ou *l'école du libertinage*. Ambos críticos da hipocrisia burguesa. Diz Sade em *Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem*: “As grandes guerras que impuseram tão pesado fardo a Luís XIV esgotaram tanto os recursos do tesouro quanto do povo. Mas mostraram também a um bando de parasitas o caminho da prosperidade. Tais homens estão sempre a espreita de calamidades públicas, que não se preocupam em aliviar, antes procurando criá-las e alimentá-las a fim de que possam tirar proveitos dos infortúnios alheios”. (SADE apud PEREIRA, 2001.)

Pasolini em depoimento no filme de Giuseppe Bertolucci, *Pasolini prossimono*, de 2006, a respeito de *Salò*: “... é um filme não só sobre o poder, senão sobre o que chamo de ‘a anarquia do poder’. Nada é mais anárquico que o poder. O poder faz o que quer e o que quer é totalmente arbitrário ou ditado por suas necessidades econômicas que escapam à lógica comum”. (TAKAYAMA, 2015, p. 196)

¹⁹ Da música *O tempo não para*, de Cazuza e Arnaldo Brandão.

²⁰ Da música *vai passar*, de Chico Buarque de Holanda e Francis Hime.

herói militar frustrado ao líder religioso reacionário. Mais representativo da ala da sociedade brasileira que quer, a todo custo, (re) tomar o poder, só com a inclusão de uma importante constituinte, também representativa desse grupo, a saber: o bloco das “belas, recatadas [recalcadas] e do lar”²¹, um desdobramento contemporâneo de uma *Madame Bovary*²².

Em seu ensaio de 2012, *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*, Mario Vargas Llosa atesta o que Silvio Santos e os conselheiros de plantão do atual governo – sobretudo aqueles que aconselham o ministério da educação a censurar professores – sabem de cor. Ou seja, que nossos políticos “hoje procuram a adesão e o patrocínio dos cantores de rock e atores de cinema, bem como de celebridades do futebol e de outros esportes. Estes substituíram os intelectuais como mentores políticos” (LLOSA, 2013, p. 38). Agora são eles quem “encabeçam manifestos, que leem nas tribunas e aparecem na televisão apregoando o que é bom e o que é ruim no campo econômico, político e social. Na civilização do espetáculo o cômico é rei” (LLOSA, 2013, p. 38). Essas celebridades da atual conjuntura não se limitam a ocupação de cargos assessórios, se candidatam e elegem-se para ocupar cadeiras que vão das câmaras de vereadores ao senado federal. Não obstante, qualquer cidadão, independente da profissão que execute, tem a capacidade (imediate ou em potência) de exercer um cargo público. Todavia, em se tratando de tais personalidades, o literato peruano dá o diagnóstico afirmando que “o protagonismo político de que gozam hoje em dia” (LLOSA, 2013, p. 39), em nada se relaciona “com sua lucidez ou inteligência. Ele se deve exclusivamente à sua presença midiática e a suas aptidões histriônicas” (LLOSA, 2013, p. 39).

²¹“Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”. (Título da matéria da revista veja de 18 de abril de 2016).

²²*Madame Bovary* é um romance de Gustave Flaubert, publicado em 1857.

Em sua obra *Bovarismo e romance: Madame Bovary e Lady Oracle*, Andrea Saad Hossne, aponta que: “O percurso feminino, tal como é detectável tanto no âmbito romanesco convencional quanto na maior parte do romance da burguesia oitocentista, admite para a mulher uma única possibilidade viável de realização pessoal: o casamento, identificado ao Amor, e, seguindo-se a ele, a maternidade. Para o homem, a realização pessoal passa pela profissão ou pela satisfatória posse de bens, pelo prestígio social, a política, ou, enfim, pela possibilidade de ascensão social propriamente dita”. (HOSSNE, 2000, p. 24) Todavia, Emma (*Madame Bovary*) deturpa esse ideal feminino, na medida em que se afunda numa vida de adultério e infelicidade. Ela é o oposto do que se esperava de uma “heroína romanesca”. Da mesma forma, “Charles”, seu marido, “em nenhum momento parece acalentar expectativas dessa espécie. Quando dá um passo nessa direção é sempre sob forte influência alheia, ou mesmo por uma relativa coerção [...] que redundam em evidente fracasso”. (Idem)

De costas para as massas, a burguesia continua a negar que é a partir do apoderamento da força de trabalho dessas que pode prosseguir a chocar “... os ovos gordos / de sua prosa. / Na paz redonda das cozinhas, /...a revolver viciosamente / seus caldeirões / de preguiça viscosa”²³. A uma tal burguesia não constitui interesse a democratização das mídias, o sanar o direito a informação imparcial, limpa de abusos e sublimações. Não constitui interesse o esclarecimento das massas, o investimento – em direção a essas – em cultura e educação. Assim como não constitui interesse – no que pese o faturamento bilionário da indústria farmacêutica mundial – o sanear com *fosfoetanolamina*²⁴, moral e ética, e todos os instrumentos anti-hipocrisia, “essa lama enfeitada, esse sangue nas taças [...] esse mar de veneno”. Governa-se, pois, a partir da “inconsciência das vidas à margem”²⁵, a qual quer, a todo instante negar, a burguesia.

Esta, desde 1789 até os dias de hoje, não conseguiu honrar a bandeira pela qual tomou o poder. *Liberté, Égalité, Fraternité*²⁶ ainda compõem os discursos – “acalanto burguês”²⁷ – proferidos, sobretudo, ao lado direito do rei. O parlamento caricato segue feito um “trem da alegria” a prometer, ou melhor, garantir que “o riso será mais barato [...] que o berço será mais confortável, que o sonho será interminável, que a vida será colorida *et cetera* e tal”²⁸. Não foi por menos que Mario Vargas Llosa já atestava que, em se tratando de política, “uma maioria significativa de cidadãos opina que se trata de atividade medíocre e suja, que repele os mais honestos e capazes e recruta sobretudo

²³ Do poema *O cão sem plumas* de João Cabral de Melo Neto.

²⁴ “A fosfoetanolamina é pesquisada pelo Instituto de Química de São Carlos, da Universidade de São Paulo (USP), há cerca de 20 anos por meio de estudos conduzidos pelo professor aposentado da universidade Gilberto Orivaldo Chierice. A substância imita um composto que existe no organismo, o qual identifica as células cancerosas, permitindo que o sistema imunológico as reconheça e as remova. A substância vinha sendo distribuída de forma gratuita no campus da universidade em São Carlos. Em 2014, a droga parou de ser entregue depois que uma portaria determinou que substâncias experimentais tivessem todos os registros antes de serem liberadas à população. Sem a licença, pacientes passaram a conseguir a liberação na Justiça, por meio de liminares”. (BAPTISTA, 2016.)

“A lei que permite a produção e distribuição da ‘pílula do câncer’ foi suspensa. Por seis votos a quatro, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu nesta quinta-feira (19) suspender a eficácia da Lei Federal 13.269/2016, que autoriza o uso da fosfoetanolamina sintética por pacientes diagnosticados com neoplasia maligna [...] A fosfoetanolamina foi liberada para uso no Brasil em abril, após a sanção da lei que autorizava pacientes com câncer a usarem a substância antes de seu registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). O texto exige que o paciente apresentasse laudo médico comprovando o diagnóstico de câncer e assinasse termo de consentimento e responsabilidade”. (Da Redação. Agência Senado, 2016.)

²⁵ Da música *Gás neon* de Gonzaguinha.

²⁶ “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Lema da Revolução Francesa.

²⁷ Do poema *Canto ao Homem do povo Charlie Chaplin* de Carlos Drummond de Andrade.

²⁸ Da música *A felicidade bate à sua porta*, de Gonzaguinha.

nulidades e malandros que a veem como uma maneira rápida de enriquecer” (LLOSA, 2013, p. 120).

Não resta dúvida que, da formação geral do parlamento, uma ínfima minoria de políticos se constitui de pessoas sérias, honestas e preocupadas em empreender ações as quais, de fato, honrem a função que, temporariamente e por força do voto, parte da população o imputou a exercer. Ocorre que estes existem e, se assim não fosse, o caos – não no seu sentido criador e sim no mais degenerado que a palavra possa carregar – já haveria tomado posse por completamente das instituições políticas do país e, por conseguinte, se alastrado para as outras esferas da existência. Todavia, o repúdio à atividade política e aos políticos foi se instalando entre as massas e empreendendo generalizações que, se não foram capazes de revolucionar por completo o modelo econômico, político e social, tampouco ajudam a melhorá-lo.

Llosa se questiona: “a que se deve o fato de o mundo inteiro ter chegado a pensar aquilo que todos os ditadores sempre quiseram inculcar nos povos que subjugam, ou seja, que a política é uma atividade vil”? (LLOSA, 2013, p. 121).

Segundo o literato, o grande culpado dessa mediocrização da política é o que chamou de “jornalismo marron” (LLOSA, 2013, p. 121), o qual fez com que “a opinião pública” (LLOSA, 2013, p. 121) chegasse “à convicção de que política é atividade de pessoas amorais, ineficientes e propensas à corrupção” (LLOSA, 2013, p. 121). Assim ocorre o paradoxo de que “o avanço da tecnologia audiovisual e dos meios de comunicação, que serve para contrapor-se aos sistemas de censura e controle nas sociedades autoritárias” (LLOSA, 2013, p. 121) ao invés de “ter aperfeiçoado a democracia e incentivado a participação na vida pública [...] teve efeito contrário” (LLOSA, 2013, p. 121), na medida em que “a função crítica do jornalismo foi distorcida pela frivolidade e pela avidez de diversão da cultura reinante” (LLOSA, 2013, p. 121). Dessa forma,

Ao expor ao público, em suas pequenezas e misérias, a intimidade da vida política e diplomática [...] o jornalismo contribuiu para despojar de respeitabilidade e seriedade uma atividade que, no passado, conservava [...] espaço fecundo para o heroísmo civil e para as iniciativas audazes a favor dos direitos humanos, da justiça social, do progresso e da liberdade. Em muitas democracias, como consequência da frenética busca do escândalo e da bisbilhotice barata que se encarnaça com os políticos, o que o grande público conhece melhor sobre eles é o que de pior eles podem mostrar. E o que

mostram é, em geral, a mesma atividade penosa em que nossa civilização transforma tudo o que toca: uma comédia de fantoches capazes de lançar mão das piores artimanhas para ganhar o favor de um público ávido de diversão. (LLOSA, 2013, p. 121-122).

Segundo o crítico peruano, “a escassa ou nula reação do grande público aos níveis de corrupção” (LLOSA, 2013, p. 124), fruto de uma “cultura esnobe e despreocupada” (LLOSA, 2013, p. 124) que “adormenta cívica e moralmente, uma sociedade [...] cada vez mais indulgente para com os desvios e excessos dos que ocupam cargos públicos e exercem qualquer tipo de poder” (LLOSA, 2013, p. 124), provém não só de uma progressão e complexificação da “vida econômica” (LLOSA, 2013, p. 124), mas, sobretudo, da desvirtualização do jornalismo. Este, “em vez de exercer sua função fiscalizadora, se dedica principalmente a entreter seus leitores, ouvintes e telespectadores com escândalos e sensacionalismos” (LLOSA, 2013, p. 125) favorecendo, assim, “uma atitude tolerante ou indiferente no grande público em relação à imoralidade” (LLOSA, 2013, p. 125).

Llosa também é um forte crítico dos meios audiovisuais mesmo confessando sua “posição de viciado em cinema [...] que também tem prazer com um bom programa de televisão (essa raridade)” (LLOSA, 2013, p. 198). Segundo ele, em detrimento dos bons livros (“romances de Dostoiévski”, “Guerra e paz de Tolstoi”, “sagas literárias de Thomas Mann, Faulkner, Kafka, Joyce ou Proust”) (LLOSA, 2013, p. 198), aqueles ganharam o público, na medida em que “as imagens das telas divertem mais, entretêm melhor” (LLOSA, 2013, p. 201). Todavia, “são sempre parcimoniosas, amiúde insuficientes e muitas vezes ineptas para dizer, no complexo âmbito da experiência individual e histórica [...] ‘a verdade e toda a verdade’” (LLOSA, 2013, p. 201). Desse modo “sua capacidade crítica é por isso muito escassa” (LLOSA, 2013, p. 201). Segundo Llosa, “as possibilidades da informação, de saber o que está ocorrendo, de vivenciar tudo em imagens, de estar no meio da notícia, graças à revolução audiovisual” (LLOSA, 2013, p. 201) manteve os homens “muito informados” (LLOSA, 2013, p. 201), todavia, “mais desconectados e distanciados que antes do que ocorre no mundo” (LLOSA, 2013, p. 201).
Atesta ele:

A fantástica acuidade e versatilidade com que a informação nos transporta hoje para os cenários da ação nos cinco continentes conseguiu transformar o telespectador num mero espectador, e o mundo num vasto teatro, ou, melhor, num filme, num reality show com enorme capacidade de entreter, onde às vezes somos invadidos por marcianos, são reveladas as intimidades picantes

das pessoas, de vez em quando são descobertas valas comuns com bósnios sacrificados de Srebrenica, veem-se mutilados da Guerra do Afeganistão, caem foguetes sobre Bagdá ou as crianças de Ruanda exibem seus esqueletos e seus olhos agônicos. A informação audiovisual, fugaz, passageira chamativa, superficial, nos faz ver a história como ficção, distanciando-nos dela por meio do ocultamento de causas, engrenagens, contextos, e desenvolvimentos desses acontecimentos que ela nos apresenta de modo tão vívido. Essa é uma maneira de nos levarem a sentir-nos tão impotentes para mudar o que desfila diante de nossos olhos na tela como quando vemos um filme. Ela nos condena à mesma receptividade passiva, à atonia moral e à anomia psicológica em que costuma nos deixar as ficções ou os programas de consumo de massas, cujo o único propósito é entreter. (LLOSA, 2013, p. 201-202).

Sua descrição é, de fato, pertinente: o que a mídia faz – hoje mais que nunca – nada mais é que “irrealizar o presente, ou seja, transformar a história real em ficção” (LLOSA, 2013, p.202), isso “desmobiliza o cidadão, leva-o a sentir-se exonerado de responsabilidade cívica, a acreditar que está fora de seu alcance intervir numa história cujo roteiro já está escrito, interpretado e filmado de modo irreversível” (LLOSA, 2013, p. 202). Nesse percurso, tomba-se em direção a “um mundo sem cidadãos, de espectadores, um mundo que, embora tenha as formas democráticas, terá chegado a ser aquela sociedade letárgica, de homens e mulheres resignados, a que todas as ditaduras aspiram” (LLOSA, 2013, p. 202). Aqui incorremos, de fato, naquele “curioso paradoxo de que, enquanto nas sociedades autoritárias é a política que corrompe e degrada a cultura, nas democracias modernas é a cultura – ou aquilo que usurpa seu nome – que corrompe e degrada a política e os políticos” (LLOSA, 2013, p. 118). É consenso a consciência de que “nada desmoraliza tanto uma sociedade nem desacredita tanto as instituições como o fato de seus governantes, eleitos em eleições mais ou menos limpas, aproveitarem o poder para enriquecer burlando a confiança pública neles depositada” (LLOSA, 2013, p. 125), também o é, com a devida problemática, o entendimento de que

A cultura contemporânea, em vez de mobilizar o espírito crítico da sociedade e sua vontade de combater esse estado de coisas, faz que tudo isso seja percebido e vivido pelo grande público com a resignação e o fatalismo com que se aceitam os fenômenos naturais – terremotos e tsunamis – e como uma representação teatral que, embora trágica e sangrenta, produz emoções fortes e agita a vida cotidiana. (LLOSA, 2013, p. 126)

Llosa é categórico em sua análise da “civilização do espetáculo”, não obstante, sua “radiografia do nosso tempo e da nossa cultura”, em alguns aspectos, também encarna uma concepção um tanto espetacular. Ao buscar “a raiz do fenômeno [...] na banalização lúdica da cultura imperante, em que o valor supremo é agora divertir-se e divertir, acima de qualquer outra forma de conhecimento ou ideal” (LLOSA, 2013, p. 123), Llosa

confunde a origem da semente a qual germinou e enraizou não apenas na cultura como em todas as esferas da sociedade. Ao afirmar que “não chegamos a esta situação em virtude das maquinações tenebrosas de alguns donos de jornais ou canais de televisão que, ávidos por dinheiro, exploram com total irresponsabilidade as paixões baixas das pessoas” (LLOSA, 2013, p. 122), reiterando que “esta é consequência, não causa” (LLOSA, 2013, p. 122), ele tende a imputar às massas a completa responsabilidade por sua entrega “a um devaneio ligeiro, ameno, superficial, alegre e sinceramente estúpido” (LLOSA, 2013, p. 124). Ocorre que, “espiar a intimidade do próximo, surpreender um ministro ou um parlamentar de cuecas, investigar os desvios sexuais de um juiz, comprovar que chafurda no lodo quem era visto como respeitável e exemplar” (LLOSA, 2013, p. 124) é de fato uma característica das massas que, todavia, fora a elas imposta, enquanto necessidade, pelo grande capital da indústria cultural, como atestaram Adorno e Horkheimer:

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis porque são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma [...] A atitude do público que, pretensamente e de fato, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100-101)

Aqui o consumidor se afirma enquanto espectador impotente. Sua condição não o permite saída para além da espreita ao próximo exemplar da revista de fofoca. A indústria cultural já o efetivou como parte constitutiva de sua aparência democrática: consumidor e cidadão votam na enquete que irá eleger qual novela será repetida em horário comercial. A repetição integral da mercadoria cultural tem intrínseca a repetição do modelo. Saber dos mais íntimos e artificiais detalhes da vida dos famosos torna-se necessário ao consumo que se especializa e se divide em setores dos mais variados gostos e estilos. As diversas opções são expostas aos consumidores para que se enquadrem a

partir das distinções entre os produtos. Estas (que no campo da política não diferem das distinções entre partidos)

[...] têm menos a ver com seu conteúdo do que com sua utilidade para classificação, organização e computação estatística dos consumidores. Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 101-102)

A aparência sutil da escolha é desmentida pela “violência da sociedade industrial” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 105), a qual “instalou-se nos homens de uma vez por todas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 105). O livro de ponto e o passaporte para a excursão são da mesma natureza, assim como “a diversão é o prolongamento do trabalho no capitalismo tardio” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113). A ela deve, a indústria cultural – enquanto “indústria da diversão” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 112) – a efetivação de “seu controle sobre os consumidores” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 112). O trabalhador deve seguir seu plano de férias com a mesma justeza e objetividade a que executa suas funções na fábrica. A fuga do trabalho recai, inescapavelmente, na sua ordenação. A distinção aparente se apoia na alternância entre produção e consumo. Ela paira por sobre “uma teia tênue”²⁹, por onde “se vá tecendo”³⁰ a ilusão da dicotomia. No entanto, tudo já foi a muito, minuciosamente emaranhado numa “armação” que, autoritária, “se eleva por si”³¹.

Dessa forma, assim como nos primórdios da Alemanha nazista, onde “a paz sepulcral da ditadura já pairava sobre os mais alegres filmes da democracia” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 104), assim também no desenrolar de uma televisiva América Latina, rumo ao neoliberalismo, “a unidade implacável da indústria cultural atesta a unidade em formação da política” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 101), e os cidadãos, bem como os consumidores, regidos pela autoridade dos modelos, são

Reduzidos a um simples material estatístico [...] distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em

²⁹ Do poema *Tecendo a manhã* de João Cabral de Melo Neto.

³⁰ *Idem*.

³¹ *Idem*.

grupos de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 102).

Deles soube cuidar tanto a política quanto a “produção capitalista”, que “os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110).

Disso desconhece Llosa:

A imprensa sensacionalista não corrompe ninguém; nasce corrompida por uma cultura que, em vez de rejeitar as grosseiras intromissões na vida privada das pessoas, as reivindica, pois esse passatempo, farejar a imundície alheia, torna mais tolerável a jornada do funcionário pontual, do profissional entediado, e da dona de casa cansada. (LLOSA, 2013, p. 124).

Fossem estes conscientes de si e de sua classe, seriam os primeiros a romper com a dominação, sublimada pela necessidade de manterem-se dóceis frente à domesticação de seu potencial revolucionário. Indubitavelmente, a exaustão do proletariado, que o impede de reconhecer-se enquanto classe revolucionária, de fato não é uma necessidade sua, que o faça, por livre escolha, reclamá-la imprescindivelmente.

Llosa trata essa necessidade artificial imbuída às massas como “um alimento mórbido exigido e reivindicado pela fome de espanto, que inconscientemente pressiona os meios de comunicação por parte do público leitor, ouvinte e espectador” (LLOSA, 2013, p. 50, **grifo meu**). Ele não consegue compreender que tornar amena “a vida das pessoas” (LLOSA, 2013, p. 50), a partir da “catástrofe” (LLOSA, 2013, p. 50): “desde terremotos e maremotos até crimes em série, principalmente se neles houver agravantes de sadismo e perversões sexuais” (LLOSA, 2013, p. 50), que é o que faz a “imprensa”, mesmo a “mais responsável” (LLOSA, 2013, p. 50), que não “pode evitar que suas páginas se tinjam de sangue, cadáveres e pedófilos” (LLOSA, 2013, p. 50) é, em última instância, uma necessidade não das massas, mas de seus algozes. Todavia ele atesta que:

Ao mesmo tempo que atuam assim, em resposta a uma exigência de seu público, os órgãos de imprensa, sem quererem e saberem, contribuem mais que ninguém para consolidar essa civilização light que deu à frivolidade a supremacia que antes tiveram as ideias e as realizações artísticas. (LLOSA, 2013, p. 49, **grifo meu**).

Dessa forma, encarar a transformação da “informação em instrumento de diversão” (LLOSA, 2013, p. 49) que legitimou um jornalismo pautado no “escândalo, deslealdade, bisbilhotice, violação da privacidade [...] difamações, calúnias e notícias

infundadas” (LLOSA, 2013, p. 49) como algo a “saciar a fome voraz de entretenimento e diversão que jornais, revistas e noticiários são obrigados a levar em conta se quiserem sobreviver” (LLOSA, 2013, p. 49), é tratar essa mídia como um ingênuo setor quase que apartado das outras esferas da existência, e que é regido pela simples consciência metafísica de que “o jornal ou programa que não reza no altar do espetáculo hoje corre o risco de perde-lo e ficar falando para fantasmas” (LLOSA, 2013, p. 51).

O que Llosa desconhece é que a grande mídia, a qual detém a maioria esmagadora da presença efetiva na psique social, ocupa espaço significativo de um aparato o qual a classe dominante e suas subdivisões têm em mãos. O “jornalismo marrom”, portanto, integra este esplêndido arsenal o qual, ao lado da maioria absoluta no parlamento, constam seus mais fortes e eficazes instrumentos a partir dos quais, sem escrúpulo algum, suas empreitadas e barricadas de efeito psicológico, cultural, político e econômico são empreendidas – na maioria das vezes em âmbito legal – em detrimento das massas. Estas são a todo instante acuadas pelo bombardeio da propaganda e da informação manipuladas. Deste fato já sabiam Adorno e Horkheimer, que o atestaram em sua análise do papel do rádio na Alemanha nazista:

[...] ele assume a forma de uma autoridade desinteressada, acima dos partidos, que é como que talhada sob medida para o fascismo. O rádio torna-se aí a voz universal do Führer; nos alto-falantes de rua, sua voz se transforma no uivo das sirenes anunciando o pânico, das quais, aliás, a propaganda moderna é difícil de se distinguir. Os próprios nacional-socialistas sabiam que o rádio dera forma à sua causa, do mesmo modo que a imprensa fizera para a Reforma [e a mídia fez e faz, na contemporaneidade, com os governos de tendência conservadora] O carisma metafísico do Führer, inventado pela sociologia da religião, acabou por se revelar como a simples onipresença de seus discursos radiofônicos [...] O fato gigantesco de que o discurso penetra em toda parte substitui seu conteúdo [...] Colocar a palavra humana como algo de absoluto, como um falso imperativo, é a tendência imane do rádio. A recomendação transforma-se em um comando [...] O Führer ordena de maneira mais moderna e sem maior cerimônia tanto o holocausto quanto a compra de bugigangas (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 132).

A atualidade dessa percepção se confirma em muitos dos meios atuais de difusão da informação, aos quais é submetida a população. A esta já não é mais necessário impor aquele “capacete da invisibilidade” (MARX, 1996, p. 131) o qual usava Perseu “para perseguir os monstros” (MARX, 1996, p.131) e que, segundo Marx, “nós puxamos [...] a fundo sobre nossos olhos e orelhas, para podermos negar a existência de monstros” (MARX, 1996, p.191). Os monstros são, agora, sua própria negação. Eles entoam – agora

como falsidade – a mesma canção à qual, a partir dos mesmos meios, os colocou no poder. À crise político-econômica por eles fomentada, agrega-se a crise da democracia.

Desse modo, até o dia 12 de maio de 2016 se podia, ou melhor, devia falar em crise, deste dia em diante não³². A tarefa de se posicionar politicamente, ou mesmo criticamente, frente aos fatos, se tornou tão enfadonha para grande parte da população – sobretudo a que despiu seu “incômodo pensamento de escravo”³³ – que esta a renunciou e transferiu aos meios mesmos que assim a tornaram. A ala conservadora e neoliberal do congresso nacional, associada ao monopólio da mídia privada, agora – e não só agora – constituem-se e completam num único monopólio, a saber, o da psique social. A má política, a novela das oito e o jornal nacional se agregam no vale a pena ver de novo do ditame neocolonial.

No final da década de oitenta, quando da abertura democrática do Brasil pós ditadura, o ator José Wilker falava no auditório da FAFICH (UFMG), dentre outras coisas, sobre o filme *O Homem da Capa Preta*. Assuntos abordados como arte e política, censura e repressão, são de real importância. Não obstante, é significativo pôr em relevo uma passagem em que o cearense de Juazeiro do Norte trata de meios de comunicação e difusão da informação:

Eu me lembro que um dia numa reunião de diretores eu levei, porque eles pediram, um relatório que respondesse o que que era, na opinião de cada um que dirigia a novela, o padrão globo de qualidade [...] entre as coisas que eu escrevi, copiei uma citação de um livro a respeito de como deveria funcionar um veículo de informação [...] Quando eu acabei de ler esse trecho eu perguntei pra eles assim: vocês concordam com isso que está dito aqui nesse trecho? Sim. Vocês acham que é isso que a gente tá fazendo? E todo mundo falou sim. Pois é uma pena, porque esse trecho que eu acabei de ler, eu copiei do *Mein Kampf* de Hitler [...] É verdade. Isso que está dito aqui é o que ele sugere que se faça com o rádio. É o que ele sugere que se faça pra se ter um rádio eficiente à serviço do partido nazista. A televisão faz isso também. (WILKER, 1989)

³² “Dizia aos senhores que a partir de agora nós não podemos mais falar em crise. Trabalharemos. Aliás, há pouco tempo, eu passava por um posto de gasolina, na Castelo Branco, e o sujeito botou uma placa lá: ‘Não fale em crise, trabalhe’. Eu quero ver até se consigo espalhar essa frase em 10, 20 milhões de outdoors por todo o Brasil, porque isso cria também um clima de harmonia, de interesse, de otimismo, não é verdade? Então, não vamos falar em crise, vamos trabalhar”. (Primeiro discurso do presidente em exercício Michel Temer, reproduzido em tempo real pela NBR na quinta-feira dia 12 de maio de 2016).

³³ Do poema *Nosso Tempo* de Carlos Drummond de Andrade.

A tentativa frustrada de destituir o presidente da EBC³⁴, bem como a empreitada em curso para extingui-la, prova o quanto os meios de difusão da informação são importantes na manipulação das massas. Mais representativo que qualquer análise é a afirmativa do candidato a substituto à espreita: “Se não existisse TV Globo o país já teria se tornado uma Venezuela. Viva o JN e a novela diária da corrupção [...]”.³⁵

Ora, se para as massas desfavorecidas e a todo instante sabotadas, a classe política por completa está em putrefação, este estado de entendimento as impede de observar, com olho clínico, as instituições, os modelos e os representantes que estão – em tempo real ou em potência – realmente a seu favor. Assim, Hitler se valia dos meios da época para se autoproclamar o salvador, hoje, a má política se utiliza dos meios existentes para embaraçar a percepção das massas e, tornando-as desinteressadas pela atividade política, torná-las alheias às manobras que esses maus políticos empreendem contra elas e em favor próprio e da elite que representam.

Na medida em que grande parcela da população excreta a totalidade da esfera política do seu arsenal de meios possíveis para a mudança, ou seja, quando as massas repudiam as ações e projetos advindos da classe política e nesta não veem chance alguma de redenção. Na medida em que – por tantas desilusões – deixam de acreditar, fiscalizar e buscar lugar de decisão no âmbito político – muitas vezes até o enxergando como uma esfera independente e distinta de todo o resto da realidade social –, as massas entregam

³⁴A Empresa Brasil de Comunicação é uma instituição da democracia brasileira: pública, inclusiva e cidadã. Criada em 2007 para fortalecer o sistema público de comunicação, é gestora dos canais TV Brasil, TV Brasil Internacional, Agência Brasil, Radioagência Nacional e do sistema público de Rádio – composto por oito emissoras. Estes, por sua independência editorial, distinguem-se dos canais estatais ou governamentais, com conteúdos diferenciados e complementares aos canais privados. Os veículos da EBC têm autonomia para definir produção, programação e distribuição de conteúdos. Atualmente, são veiculados conteúdos jornalísticos, educativos, culturais e de entretenimento com o objetivo de levar informações de qualidade sobre os principais acontecimentos no Brasil e no mundo para o maior número de pessoas. A sua estrutura é formada por: Assembleia Geral; Órgãos da Administração (Conselho de Administração e Diretoria Executiva) e Órgãos de Fiscalização (Conselho Curador, Conselho Fiscal e Auditoria Interna)”. (Sobre a EBC. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/sobre-ebc>>. Acesso em: 13 jun. 2016. 22:15).

³⁵ Frase de Laerte Rimoli publicada em sua conta do Twitter, citado por Maria Carolina Trevisan. “Formado pela Universidade Federal de Goiás, o jornalista foi diretor regional da TV Globo, no Rio de Janeiro, e chefe da assessoria de Comunicação Social do Ministério do Esporte e do Turismo durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Também coordenou a comunicação da campanha presidencial do candidato Aécio Neves em 2014 e, recentemente, trabalhou na Secretaria de Comunicação Social da Câmara dos Deputados, durante a gestão do presidente afastado Eduardo Cunha (PMDB-RJ)”. (SAMPAIO, 2016.).

tão eficaz instrumento a burguesia – e a pequena burguesia como consequência³⁶ – que dela faz inadiável proveito.

Dessa forma e ao abrir mão da política como potencial revolucionário, concomitante a entrada em um estado de inércia em relação à busca por outros meios, as massas vão se acomodando a golpes de chicote, os quais a burguesia foi tornando lícitos por intermédio da política³⁷, a qual as massas foram sutilmente levadas à abrir mão. É assim que, “democraticamente”, a redução de verbas dos programas educacionais e culturais, dos ligados à moradia popular e do financiamento dos pequenos agricultores e empreendedores familiares, bem como a censura aos professores e toda sorte de trâmites empreendidos para abafar a corrupção e salvar gatunos são impostos “legalmente” a uma população entorpecida.

De fato, a *perfeição* do sistema é fazer com que comecemos “como idiotas a cada fevereiro e feriado”³⁸. “Ao subordinar a vida inteira às exigências de sua conservação, a minoria que detém o poder garante, justamente com sua própria segurança, a perpetuação do todo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 37-38). A unificação desse todo se dá pelo entrelaçamento mesmo entre diversão e barbárie. Estas literalmente se traduzem e, sob a égide da indústria cultural, já não podem se dissociar. A perpetuação dessa unificação, o caos administrado em que se tornou o mundo burguês, já se encontra em essência na origem etimológica da palavra trabalho³⁹. A estratificação na sociedade romana antiga já continha, em seus traços essenciais, os elementos de uma mais elaborada: a estratificação classista burguesa⁴⁰. Nela a tortura se reflete não só na divisão social do trabalho: o fato de se produzir para outros se torna irrelevante quando a ínfima porcentagem da produção que lhe é atribuída como meio de subsistência, é empregada na mera reprodução social desse sistema. Ao propiciar os meios necessários para a

³⁶ Alguns políticos e representantes outros – nomeadamente os que encarnam o pensamento pequeno-burguês – estão tão perdidos que, tal como as palavras do eu lírico de *Nosso Tempo*, após serem, a tanto, comprimidas, “perderam o sentido, apenas querem explodir”. O proletariado brasileiro esteve tão próximo do caminho para o poder que confundiu batalha com guerra e, ao assim fazê-lo, sucumbiu às sutilezas contrarrevolucionárias da burguesia. Esta soube aliciar a seu favor o big-bang pequeno-burguês.

³⁷ A exemplo da Lei 13.260/2016, Lei Antiterrorismo.

³⁸ Da música *Perfeição*, de Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá.

³⁹ Trabalho “Do lat. *tripalium*, instrumento de tortura composto de três paus; da ideia de ‘sofrer’ passou-se a de ‘esforçar-se’, ‘lutar’ e, enfim, ‘trabalhar’” (Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa, 2000, p. 879)

⁴⁰ Proletário “(Do lat. *proletarius*) Na Roma antiga, cidadão não proprietário, recenseado na última classe e que só era considerado útil ao Estado pelos filhos que gerava” (Idem, p. 744).

idiotização das massas, a minoria que detém o poder – seus instrumentos de produção e comunicação – o legitimam e o reproduzem. De fato, vivemos hoje, como a dois mil anos, sob a influência direta da política do *panem et circenses*⁴¹.

Assim como na “sociedade do espetáculo” o fetichismo é elevado ao quadrado⁴², na época contemporânea da “reprodutibilidade técnica”, “a crise das democracias [...] entendida como uma crise das condições de exposição do homem político” (BENJAMIN, 2012, p. 78) também o é. Ao constatar que “esvaziam-se os parlamentos ao mesmo tempo que os teatros” (BENJAMIN, 2012, p. 78), Benjamin já havia observado o papel fundamental do rádio e do cinema na transformação da “função do ator profissional” e do “homem político” (BENJAMIN, 2012, p. 78). Assim, ao deixar de ser direta, a interação com o público, e passar a ser mediada por um aparato, “a exposição do homem político diante desse aparato de registro passa para o primeiro plano” (BENJAMIN, 2012, p. 78). Aqui o desenvolvimento, o carisma e a intimidade frente à aparelhagem, fruto da compreensão mesma de seu poder, vale incomparavelmente mais que a ética, a coerência e a sensatez do posicionamento político proferido no discurso. Ao fim e ao cabo, a inobservância do conteúdo deste – maquiado pela “performance” – caracteriza a crise a qual captava Benjamin. Dessa forma, conhecer as melhores posições, gestos, tons de voz e todos os outros mecanismos⁴³ que possibilitam uma melhor desenvoltura frente ao aparato, vale tanto ou mais que qualquer projeto político. Quem não se adequa é facilmente vencido pela velocidade furiosa dos novos tempos.

⁴¹ Pão e circo

⁴²“Para Debord, o capitalismo mais desenvolvido apresenta, de modo imediato, fenomênico e aparente, a lógica da abstração supra-sensível do valor econômico, impondo uma inversão entre sensível e supra-sensível que, desde sempre, fora imanente ao fetichismo da forma-mercadoria. Não se tem aí, portanto, uma denúncia do sensível em nome de uma realidade verdadeira supra-sensível, mas, rigorosamente ao contrário, é a denúncia da dominação da abstração do valor econômico sobre o sensível; é a compreensão crítica de que, nas condições do capitalismo avançado, a lógica supra-sensível do valor tornou-se imediata, imanada, transformando o próprio sensível em algo do mesmo modo abstrato (tal como ocorre na quantificação do tempo, no lazer mercantil, na banalização do espaço, no consumo de mercadorias...). É como imagem que se impõe para ser vista e contemplada, que o automovimento do capital se constitui em experiência de passividade contemplativa na imediatidade da totalidade do vivido”. (AQUINO, 2007, p. 173-174. **Grifo meu**).

⁴³ Llosa atesta que, de uma forma geral, “... a publicidade e seus slogans, lugares-comuns, frivolidades, modas e manias, ocupam quase inteiramente a atividade antes dedicada a razões, programas, ideias e doutrinas. O político de nossos dias, se quiser conservar a popularidade, será obrigado a dar atenção primordial ao gesto e à forma, que importam mais que valores, convicções e princípios. Cuidar de rugas, calvície, cabelos brancos, tamanho do nariz e brilho dos dentes, assim como do modo de vestir, vale tanto (e às vezes mais) quanto explicar o que o político se propõe fazer ou desfazer na hora de governar”. (LLOSA, 2013, p. 44).

Ocorre que nos novíssimos tempos – e se Benjamin já desconfiava, os atuais políticos não –, a “crise das condições de exposição” a partir da qual se pode compreender – e hoje mais que nunca, pelo menos na América Latina – a “crise das democracias”, é uma crise da exposição das condições de exposição, antes mesmo que estas deixem-se captar e compreender, no intrincado jogo em que afloram. Dentre outros aspectos, vale ressaltar uma das principais personagens dessa trama com ar de romance policialesco: a *delação premiada* – que mais parece uma caricatura depravada da *Quadrilha* de Drummond (quem ainda não entrou na história, vai entrar) – tornou-se protagonista da novela política, moral e jurídica que já rendeu até filme pornô. A *Operação Lava Jato*⁴⁴ resume com perfeição o abismo em que afundou-se o país. Aqui nem mesmo um conhecimento prévio de como se sair bem nessa “seleção diante do aparato, da qual o campeão, o astro e o ditador emergem como vencedores” (BENJAMIN, 2012, p. 78), parece suficiente.

O que antes era uma preocupação de desenvoltura nos comícios de massa – onde se empenhavam “homens gordos melosos sorrisos comensais / politicando subúrbios e arando votos / e benesses nos palanques oficiais”⁴⁵ – e mesmo no parlamento – quando este era concretamente habitado – tornou-se uma preocupação de representatividade diante do aparato e, por fim, de exposição e ressignificação dessa representação frente ao público, empreendida, sobretudo, pela mídia – espetacular e especulativa – e suas devidas associações.

O parlamentar que profere seu discurso no plenário, ou em um assento de uma comissão ou audiência pública, já não sabe se deve entrar em consonância com o que profere, se com sua transmissão em tempo real, se com as possibilidades de cortes, ajustes e qualquer tipo de manipulação ou se com a probabilidade (agora mais que nunca evidente) de seu discurso, sua imagem, sua vida liquefazer-se a partir do aparato, no que tornou-se uma liquefação geral. Nada há de sólido o suficiente em que se agarre aquele homem tornado agora, de fato, público, a partir de sua nova condição de mero espectador.

⁴⁴ É válido lançar um olhar sobre a descrição da produção com duração de 01:47:47 que faz a produtora de filmes pornográficos Brasileirinhas: “O Filme de lançamento de hoje [12 de maio] nas Brasileirinhas é o ‘Operação Lava-Jato’, uma homenagem a putaria em que o nosso país está vivendo com a Operação Lava-Jato, a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve”. (Disponível em: <<http://www.brasileirinhas.com.br/filmes/operacao-leva-jato/>>. Acesso em: 12 jun. 2016. **Grifo meu**).

⁴⁵ Do poema *Que país é este* de Afonso Romano de Sant’Anna.

Tudo escorre por entre os dedos na velocidade das luzes: da cassação de direitos à informação vazada e ao desmonte dos heróis incorruptíveis. Estes agora corroboram – o que parece ter sido sempre sua real função – para a atual vergonha de ser brasileiro “e estar crucificado num cruzeiro erguido num monte de corrupção”⁴⁶. Os pseudo-heróis fomentados pela mídia provam agora seu poder de aniquilamento. A ela coube a sabedoria de, no momento adequado, lançar ou abrir mão do que deveria ser sua condição de existência: para ela imparcialidade e lucro, ora repelem-se, ora se atraem.

De todo modo, o jogo sujo de corrupção e caça ao tesouro divulgado e também fomentado pela mídia – da qual algumas alas da classe política também usufruem – que lucra com os contínuos vazamentos – quiçá com o financiamento de tais operações –, além da constante manipulação da informação, que já se tornou praxe, impede que as massas tirem, de fato, para si algum proveito. A estas cabe uma simples consciência, que parece não se deter apenas a regimes fechados: “Mentiram-me. Mentiram-me ontem / e hoje mentem novamente. Mentem / de corpo e alma, completamente. / E mentem de maneira tão pungente / que acho que mentem sinceramente”⁴⁷.

Benjamin era um grande otimista, não um ingênuo, ele sabia da dificuldade de se fazer aflorar, de despertar de seu sono a potencialidade subversiva da técnica, esta sob a forma da reprodutibilidade, da reprodutibilidade tornada arte: o cinema. Este só se tornaria de fato revolucionário quando se libertasse “dos grilhões de sua exploração capitalista”, pois esta transforma “as chances revolucionárias [...] em contrarrevolucionárias” (BENJAMIN, 2012, p. 75-77). Se o pensador alemão tivesse alcançado o advento da internet e a – relativa, mas real – facilidade de acesso que as massas têm a esta, provavelmente se posicionasse de forma parecida, talvez mais otimista ainda, no que pese a possibilidade – relativa, reitere-se – de portar consigo e com grande facilidade, o(s) instrumento(s) necessário(s) a esse acesso.

De todo modo, o controle – empreendido pelas massas na forma de sua “invisibilidade” que o intensifica (BENJAMIN, 2012, p. 75-77) – imposto àqueles que “representam a si mesmos” (BENJAMIN, 2012, p. 78) frente ao maquinário, também foi, de alguma forma, modificada. A consciência daqueles no sentido de que, “em última

⁴⁶ Do poema *Sobre a atual vergonha de ser brasileiro* de Afonso Romano de Sant’Anna.

⁴⁷ Do poema *A implosão da mentira ou o episódio do Riocentro* de Afonso Romano de Sant’Anna.

instância” (BENJAMIN, 2012, p. 75), estão ligados à massa e que “é esta quem irá controlá-lo” (BENJAMIN, 2012, p. 75), exacerbou-se a um tal ponto que, de fato agora, as massas alcançaram aquela ubiquidade. Ocorre que, do mesmo modo como ampliaram-se os instrumentos e meios de potencial controle e com eles as possibilidades revolucionárias, dificultou-se também a ocorrência de uma “utilização política [sã] desse controle” (BENJAMIN, 2012, p. 75).

Assim, “o culto do estrelato” originado no cinema e empreendido pelo “capital cinematográfico”, bem como o “culto do público” advindo do “caráter de mercadoria” (BENJAMIN, 2012, p. 77) dos produtos cinematográficos sob a regência daquele capital e que transforma o espectador num mero consumidor apático, se atualizaram e propagaram para outros meios. Dos sites, blogs e redes sociais ao jornalismo virtual, televisivo e impresso, a onipresença deturpada das massas prossegue, em seu caráter inofensivo, a servir a interesses outros de setores que, tal como fez no século passado o fascismo, estimulam esta “constituição corrupta da massa”, buscando pô-la “no lugar de sua consciência de classe” (BENJAMIN, 2012, p. 77).

A chacota inofensiva disfarçada de crítica, a qual fazem as grandes mídias em programas idiotas e idiotizantes, nada mais é que uma apologia ao conformismo, à naturalização da fraude e da imoralidade, destinada às massas. A zorra total em que convertem-se as manobras regimentais e constitucionais, bem como os acordos políticos, nessa empreitada para burlar as leis e as consciências tem, comicamente, o mesmo valor que as cassetadas, a partir das quais as crianças aprendem a rir do sofrimento alheio. O jogo em que jovens se dividem nas categorias de terroristas e contra terroristas para se digladiarem, na legitimação da guerra e dos conceitos, enquanto compram armas coloridas e escolhem o melhor símbolo para a pichação são da mesma índole dos programas policiais. Estes exigem leis mais severas para que os casos de transgressão tornem-se – como já foram um dia – sensacionais. A venda de remédios para os ossos e calvície pode, a qualquer momento, ser interrompida pelo helicóptero que traz, ao vivo, imagens exclusivas do mais novo desastre. O telespectador come seu bife enquanto aguarda atento o reconhecimento dos restos mortais das vítimas. O ápice emocionante da perseguição interrompida pela propaganda, e a idolatria de uma polícia 24h configuram a representação da corrupção transvestida pelo amadorismo dos heróis televisivos. Estes

já fazem cumprir a lei do marketing, ao tempo em que introduzem, forçosamente, termos técnicos numa fetichização grosseira da linguagem e da lei e inspiram os novos candidatos ao papel espetacular de reiterar a estratificação da sociedade em todas suas classes de criminosos. A arma de fogo letal, a câmera e a psique do telespectador se autocorrompem num sincronismo fatal entre violência e mercadoria. Aqui, o fomento à bipolarização, o antagonismo entre o criminoso e o trabalhador, sucumbe na inexorável reafirmação da alienação de suas forças-trabalho, administradas no caos urbano do mundo burguês. A hora venenosa da fofoca dá a chance de reabilitação dos que estão fora de cena, ao tempo em que possibilita ao público atualizar-se sobre o tipo de barraco em moda. Da mesma ordem são os casos de família, em que os membros desta necessitam expor, para a felicidade própria e de outros, sua total incapacidade de regerem-se a si mesmos. Bater no marido, ao vivo, num programa de cadeia nacional, porque o exame prova formalmente que ele lhe traiu, é gratificante para a mulher que dele apanha todo dia. A torta na cara e a humilhação frente ao *chef* caracterizam o cenário. Os líderes religiosos carismáticos disputam audiência enquanto mostram faces emocionadas e vendem milagres e bugigangas unguidas. A disputa entre os poderosos casais e o espiar constante do privado, em sua usurpação deturpada em prol do público, legitimam aquela usurpação empreendida pelo capital, à qual os grandes irmãos são submetidos, não mais apenas em sua condição de proletariado, mas como de sujeitos pensantes. A promessa de restituição do bem reformado às custas de uma humilhação cômica qualquer, e o pseudo-cumprimento do código do consumidor somam-se ao balanço geral que a grande mídia faz da sociedade, da qual, de fato, não há saída: toda tentativa de revidar será frustrada; a lei é falha, transgredi-la é proibido. “Assim a quantidade da diversão organizada converte-se na qualidade da crueldade organizada” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.114). Destes programas de TV pode-se dizer o que observava Adorno em relação aos “filmes de animação”, a saber: “eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.114). Dessa forma, “assim como o Pato Donald nos *cartoons*, assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.114).

A condição de “semiespecialista” (BENJAMIN, 2012, p. 77), a qual tratava Benjamin em relação ao espectador esportivo e cinematográfico, bem como ao leitor, ganha hoje uma ampliação sem precedentes e invade quase todas as esferas da existência. De fato, “a diferença entre autor e público está a ponto de perder seu caráter essencial” (BENJAMIN, 2012, p. 79-81). Ela se sustenta numa fina teia que, nesse âmbito, não permitiu o rompimento completo entre valor de culto e valor de exposição. Aqui, toda sorte de produtos fabricados pela massa, a partir da capacidade – ainda relativa – que esta tem hoje de adquirir os instrumentos⁴⁸que possibilitam tal empreitada, não passam de brincadeira de criança, passatempo contra o tédio.

A autenticidade dos produtos jornalísticos (documentários, reportagens, entrevistas, etc.) que provenham de meios e/ou empresas ditas sérias e de “respaldo”, em detrimento das produções “amadoras” e sem “procedência”, ilustram a força do valor de culto no que ainda tem caráter de ritual: a reunião da família em torno da TV, na expectativa (individual, na maioria dos casos) de que suas conclusões a respeito das notícias que lhes chegaram, em tempo real, por intermédio de outros meios sejam ou não confirmadas, prova que o jornal das oito ainda é o porta voz da verdade, reiterada e reafirmada pelo peso da tradição.

Dessa forma, como identificou Benjamin no século passado em relação ao cinema, esses meios diversos – que constituem o império de um oligopólio, que posiciona-se frequentemente como oligarquia – estimulam “a participação das massas por meio de representações ilusórias e especulações ambíguas” (BENJAMIN, 2012, p. 83). Aqui, o amor adestro ao jogue, professado na novela das seis e a fabricação de máscaras do Japonês da Federal se equivalem. A anulação do potencial revolucionário destes meios, que já se encontram em poder das massas – no que pese seu caráter pseudônimo – é como a anulação dos desejos concedidos por uma fada a um “marido” que “fez aparecer uma salsicha no nariz de sua mulher para depois fazê-la desaparecer” (ADORNO apud DUARTE, 2003, p. 127). O caráter ubíquo da TV – que ainda goza de significativa importância, como já mencionado –, à qual Adorno faz a crítica, tornou-se irrisório frente

⁴⁸ Estes eram, antes, meios de produção de poucos, tornados hoje mercadorias que, por sinal, rendem lucros inimagináveis.

aos novos veículos. Estes, mais que nunca, fizeram do “sonho de onipotência [...] realidade enquanto completa impotência” (ADORNO apud DUARTE, 2003, p. 127).

Desde a década de 1930 até hoje, é a partir da mobilização de “um poderoso aparelho publicitário” (BENJAMIN, 2012, p. 83) que, tanto o capital cinematográfico quanto o midiático e o político empreendem a falsificação, “por um caminho corrupto” (BENJAMIN, 2012, p. 83), do “interesse originário e justificado das massas pelo cinema” (BENJAMIN, 2012, p. 83), pela TV e, hoje, sobretudo, pela internet. Dessa forma, aquele “interesse de autoconhecimento e, com isso, de conhecimento de classe” (BENJAMIN, 2012, p. 83) é revertido em instrumento de dominação. Assim, tanto agora como antes, o capital cinematográfico, o monopólio dos meios de comunicação e difusão, bem como os regimes autoritários e conservadores lançam mão dessa “necessidade inegável por novas condições sociais” (BENJAMIN, 2012, p. 83), a qual “é explorada secretamente no interesse de uma minoria de proprietários” (BENJAMIN, 2012, p. 83). Desse modo, agora mais que nunca, “a desapropriação” daqueles capitais “é uma exigência vigente do proletariado” (BENJAMIN, 2012, p. 83).

CONCLUSÃO

Em essência, a crise política no país⁴⁹ contém uma peculiaridade brutal. Ela se apresenta como *não-crise*. Todas as forças que endossam a avalanche reacionária e conservadora compactuam na criação e manutenção de um ambiente de naturalização e legalização do processo e, o que é pior, de trata-lo como parte necessariamente integrante de uma evolução histórica metafisicamente traçada. Esse ambiente de naturalização, que se impõe como o próprio cenário onde o período de tensão se coloca e se supera entrelaçadamente, é o virtual⁵⁰. É nesse espaço que a crise é construída e desconstruída de acordo com os interesses de curto, médio e longo prazo, das classes dominantes. É, sobretudo aqui, onde se efetiva o “espetáculo”, o “discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso” (DEBORD, 2003, p. 21). “O espetáculo”, prossegue Debord,

considerado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa” – sua manifestação superficial mais esmagadora – que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade, é a instrumentação mais conveniente ao seu automovimento total. As necessidades sociais da época em que se desenvolvem tais técnicas não podem encontrar satisfação senão pela sua mediação. A administração desta sociedade e todo o contato entre os homens já não podem ser exercidos senão por intermédio deste poder de comunicação instantâneo, é por isso que tal “comunicação” é essencialmente *unilateral*; sua concentração se traduz acumulando nas mãos da administração do sistema existente os meios que lhe permitem prosseguir administrando. (DEBORD, 2003, p. 21-22)

A narrativa da crise foi necessária para a tomada do poder e, ainda o é, para justificar a agenda de privatizações e retirada de direitos, tais como: arrochos salariais e corte de investimentos no setor público e em áreas da assistência social. A narrativa da crise torna-se mais amena, no entanto, quando a culpabilização da situação atual do país se direciona para o atual governo. Dai decorre a seletividade das informações, escolhidas a dedo e manipuladas ao sabor da lucratividade e especulação próprias desse setor e de sua agregação (seja ela sob *lobby* ou não) ao setor financeiro. Deste movimento decorre a anulação – também virtual – de toda resistência: a invisibilização das manifestações; o silenciamento e/ou criminalização dos atos de repúdio e protesto ao autoritarismo das medidas propostas pelo governo e que tão vorazmente tramitam – com facilidade sem precedentes – pelo emaranhado burocrático dos três poderes. Estes tornam mais confuso

⁴⁹ Como se pode observar, salvas as devidas peculiaridades, esse movimento não é exclusivo do Brasil. Nem tampouco o é, reiteradas as especificidades, somente latino-americano.

⁵⁰ Virtual se refere, aqui, ao espaço antagônico ao concreto.

ainda – talvez como nunca antes – seu preceito constitucional: independência e harmonia ora perdem o sentido, ora aguçam-no. De fato “não há milagres na vida de um povo e de um país”⁵¹.

Ocorre que, a crise real não se resume na forma como ela se pretende e se apresenta, ou seja, como *não-crise*. Este é o discurso dos que dela lucram. Sua verdadeira face é, a muito, ocultada e distorcida. Ela pretende se dissolver no âmbito do *Estado democrático de direito*, e sua superação na antiga pretensa de passar “a impressão de que o Brasil vive numa autêntica democracia”⁵² que, por sua vez, “aparece como inerente ao capitalismo”⁵³.

Em seu artigo *Problemas no paraíso*, publicado no livro *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, Slavoj Žižek analisa os protestos ocorridos nos últimos anos, sobretudo a partir de 2011, na Europa e Oriente Médio, além dos protestos de 2013 no Brasil que ficaram conhecidos como *Jornadas de Junho*. Segundo o filósofo e psicanalista esloveno,

[...] muitos comentaristas insistiam que não deveríamos tratá-los como momentos de um mesmo movimento de insatisfação global, pois cada um deles reagia a uma situação específica [...] É fácil observar como essa particularização de protestos ajuda os defensores da ordem mundial existente: não há nenhuma ameaça contra a ordem global como tal, e sim problemas locais específicos. (ŽIZEK, 2013, p.185-186)

Raquel Rolnik complementa em sua apresentação do livro supracitado, intitulada *As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações*. Afirma a arquiteta e urbanista que

[...] o discurso hegemônico dos representantes do fundamentalismo de mercado enquadrava esses movimentos basicamente como protestos pela falta de emprego, renda e democracia representativa, ou de uma combinação desses elementos, ignorando os inúmeros conteúdos e agendas trazidos para as ruas, sobretudo o questionamento do ‘sistema’, essa velha palavra que sintetiza o modo de produção econômico-político da sociedade. (ROLNIK, 2013, p. 18)

⁵¹ Trecho da *Carta ao povo brasileiro* de Luiz Inácio Lula da Silva, São Paulo, 22 de junho de 2002. (Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/uploads/cartaopovobrasileiro.pdf>>. Acesso em: 16/11/2016).

⁵² Trecho do artigo de Maurício Grabois para a Tribuna de Debates do 5º Congresso do PCB, 1960, intitulado *Dois Conceções, Duas Orientações Políticas*. (Disponível em: <<http://www.grabois.org.br/cdm/principais-documentos/148498/2010-01-24/duas-concepcoes-duas-orientacoes-politicas-1960>>. Acesso em: 15/11/2016).

⁵³ Idem

De natureza parecida são as atuais manipulações exercidas pela mídia corporativa – que se pretende “expressão da vontade das ruas, vale dizer, da ‘opinião pública’” (LIMA, 2013, p. 167) – onde, por exemplo, as ocupações de escolas secundaristas, institutos federais e universidades por todo o país, em repúdio a “reforma” do ensino médio por medida provisória e sem diálogo com os setores que fazem a educação pública, além do autoritário e não menos ideológico programa “escola sem partido” são completamente ignoradas ou, ainda, criminalizadas banalmente. Da mesma forma, o bombardeamento – financiado pelo governo – de publicidade em torno da necessidade urgente e inexorável da aprovação da Proposta de Emenda a Constituição nº 241/55, não foge a regra de parcialidade e omissão do real conteúdo. Quer se passar ao trabalhador que a superação “dos efeitos deletérios que a crise tem gerado”⁵⁴, depende única e exclusivamente do congelamento de seu salário por 20 anos, do sucateamento da saúde, educação e assistência social em função de assegurar os repasses bilionário de recursos públicos ao capital financeiro.

Ora, a agenda neoliberal não dispensa, *a priori*, o Estado. A licitude do seu poder de força serve – em complementariedade à “mão invisível do mercado” – como seu regulador primeiro. O “Estado mínimo” nada mais é que o instituto da força, o ordenador do progresso pela contenção. Dai resulta a necessidade de sua aparência democrática.

Em entrevista à Carta Capital, David Harvey afirma que:

O que estamos vendo ao redor do mundo é a emergência de um movimento autoritário. Recep Erdogan, presidente da Turquia, recentemente afirmou: “a democracia é um ônibus que se abandona quando se chega ao destino”. O capitalismo enxerga o regime da mesma forma: quando a democracia é conveniente, o capital é democrático, quando não for, ele encontrará formas de contornar e reconfigurar a natureza do processo democrático. (HARVEY, 2016)

Dessa forma, a luta por mais democracia também é uma constituinte do “espetáculo”. “A cisão generalizada” deste “é inseparável do Estado moderno, a forma geral da cisão na sociedade, o produto da divisão do trabalho social e o órgão da dominação de classe” (DEBORD, 2003, p. 21-22). Todo esse aparelhamento mantém a

⁵⁴ Trecho do relatório da PEC nº 55, de 2016 (PEC nº 241, de 2016, na Câmara dos Deputados), de autoria do senador Eunício Oliveira, p. 13 (Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337?o=d>>. Acesso em: 09/11/2016)

população ocupada com as pseudo-reformas e com outras panaceias espetaculares que, tal como a lava-jato, se pretendem efetivamente imparciais. Todo modo,

Há de se lembrar que vivenciamos uma sociedade de classes, típica do modelo capitalista, e mudanças sociais concretas, no sentido da diminuição da desigualdade e da construção de um Estado efetivamente voltado à questão social, somente ocorrerão se for evidenciado o conflito entre o trabalho e o capital, de modo a corrigir várias distorções dos meios de produção e do modo de exploração do trabalho, que, na nossa realidade, têm alimentado a lógica da má distribuição da renda produzida, gerando segregação e precarização, além do grave descompromisso com as repercussões públicas e sociais do processo de produção. (SOUTO MAIOR, 2013, p. 148-149)

Vale reforçar a importância da “regulação das comunicações como garantia de que se estabeleçam as condições para a formação de uma opinião pública capaz de agregar mais vozes ao debate público” (LIMA, 2013, p. 168), para que dessa forma “mais brasileiros [...] sejam democraticamente representados” (LIMA, 2013, p. 168), e escapem ao julgo das rele interpretações impostas de cima pra baixo que, a todo custo, buscam neutralizar e/ou deturpar a resistência legítima das classes populares.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, 223 p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 39. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, 271 p.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Espetáculo, comunicação e comunismo em Guy Debord. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 115, p. 167-182, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2007000100010>. Acesso em: 04 jun. 2016.

BAPTISTA, Rodrigo, Comissão de Ciência e Tecnologia aprova produção e uso da fosfoetanolamina contra o câncer. Agência Senado, 15/03/2016, 12h12 - atualizado em 16/03/2016, 14h51. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/03/15/comissao-de-ciencia-e-tecnologia-aprova-producao-e-uso-da-fosfoetanolamina-contra-o-cancer>>. Acesso em: 24 mai. 2016. 22:15.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012, 127p.

BRASIL, Emanuelle. Regulamentação da mídia volta à cena em 2015: Prioridade do novo ministro das Comunicações, tema é controverso no Legislativo. **Câmara notícias**, 23/01/2015, 11h04. Comunicação. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/COMUNICACAO/480700-REGULAMENTACAO-DA-MIDIA-VOLTA-A-CENA-EM-2015.html>>. Acesso em: 20 ago. 2016. 23:05.

Da Redação. Supremo suspende lei que liberava fosfoetanolamina. Agência Senado, 19/05/2016, 19h24 - atualizado em 20/05/2016, 09h36. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/19/supremo-suspende-lei-que-liberava-fosfoetanolamina>>. Acesso em: 24 mai. 2016. 22:34.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: eBooksBrasil.com, 2003, 169 p. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 15/11/2016.

DELGADO, Marcio de Paiva. O Jornalista e o Político Carlos Lacerda nas Crises Institucionais de 1950-1955. *In*: COLÓQUIO DO LAHES, 1, 2005, Juiz de Fora. **O Jornalista e o Político Carlos Lacerda nas Crises Institucionais de 1950-1955**. Juiz de Fora: 2005. 1-16. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a51.pdf> >. Acesso em: 26 ago. 2016. 11:55.

Discurso de Adolf Hitler de 23 de março de 1933. Disponível em: <<http://inacreditavel.com.br/wp/discurso-de-adolf-hitler-de-23-de-marco-de-1933/>>. Acesso em: 20 mai. 2016. 00:14.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2003, 218 p.

EKMAN, Pedro. O governo enterrou de novo o debate da regulação da mídia?: “Governo vai debater a regulação da mídia. (Podemos tirar, se achar melhor)” poderia ser parte de algum novo documento do governo federal, que voltou a silenciar sobre este tema. Carta Capital, Intervozes, 30/04/2015, 16h32, última modificação 30/04/2015, 18h57. Sociedade. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/governo-enterrou-de-novo-o-debate-da-regulacao-da-midia-3331.html>>. Acesso em: 20 ago. 2016. 22:40.

EKMAN, Pedro; BARBOSA, Bia. Regulação da mídia não é censura: Desinformar é a estratégia de boa parte da mídia quando se trata de discutir seu próprio funcionamento. Ao falar de regulação, vigora discurso propositadamente parcial e distorcido. Carta Capital, Intervozes, 03/06/2014, 21h44, última modificação 04/06/2014, 14h18. Política. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/regulacao-da-midia-nao-e-censura-2340.html> >. Acesso em: 20 ago. 2016. 22:20.

GANDRA, Alana. Brasil, Ame-o ou Deixe-o: regime divide sociedade com exílios e cassações. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 31 mar. 2014. Política. Disponível em:<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2014-03/brasil-ame-o-ou-deixe-o-regime-divide-sociedade-com-exilios-e-cassacoes>>. Acesso em: 18 ago. 2016. 22:38.

GANEM, Ângela. Adam Smith e a explicação do mercado como ordem social. R. Econ. contemp., Rio de Janeiro, 4(2): 9-36, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/rec/REC%204/REC_4.2_01_Adam_smith_e_a_explicacao_do_mercado_como_ordem_social.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2016. 19:00.

GOMES, Ciro Ferreira. **O impeachment de 1992 e o golpe de 2016**. Palestra proferida na mesa de abertura do II Salão do Livro Político, Centro Cultural São Paulo, 2 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=icLJXxJgBv0> >. Acesso em: 24 ago. 2016. 00:15.

GORENDER, Jacob. Apresentação. Mais-valia e acumulação de capital. In: MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 5-70.

Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão, Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006, 300 p.

HARVEY, David. David Harvey lamenta o recrudescimento conservador no Brasil e no mundo, mas confia que a força do neoliberalismo é passageira. 2016. Carta Capital, 14/10/2016, 13h36, última modificação 16/10/2016, 12h43, **entrevista concedida a Miguel Martins**. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/internacional/201cnao-acredito-que-temer-tera-forca-politica-por-muito-tempo201d> >. Acesso em: 17 out. 2016. 15:41.

HOSSNE, Andrea Saad. **Bovarismo e romance: Madame Bovary e Lady Oracle**. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

JOSÉ WILKER NA FAFICH. Roteiro de edição de Luiz Rodolfo; edição Roberto Tome. 1989. 40:28. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?gl=BR&hl=pt&v=XK7zMFJZX3Y>>. Acesso em: 13 jun. 2016. 00:25.

LIMA, Venício A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. *In*: MARICATO, Ermínia *et al.* **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 159-169.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, 207 p.

MARX, Karl. Prefácio da primeira edição. *In*: _____. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 129-132.

MATAIS, Andreza; ROSA, Vera; BULLA, Beatriz. PSDB de Aécio Neves pede auditoria na votação. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 out. 2014, 20h58, atualizado em 31.10. Política, eleições. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,psdb-de-aecio-neves-pede-auditoria-na-votacao,1585755>>. Acesso em: 28 ago. 2016. 16:00.

MELITO, Leandro; OLIVEIRA, Noelle; FERREIRA, Priscila. Regulação da mídia: conheça os pontos em debate no Brasil. Portal EBC, Brasília, 29/09/2015, 16h30. Geral. Disponível em: <<http://conteudo.ebc.com.br/porta/projetos/2016/regulacaodamidia/#>>. Acesso em: 20 ago. 2016. 23:30.

MELO NETO, João Cabral de. **Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto: seleção de Antonio Carlos Secchin**. 9. ed. São Paulo: Global, 2003, 231 p.

O Dia que durou 21 anos. TV Brasil. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/odiaquedurou21anos>>. Acesso em: 18 ago. 2016. 18:20.

PEREIRA, Renato Pignatari. Marquês de Sade: Sua obra no contexto do Séc. XVIII Francês. Klepsidra: Revista virtual de historia, Nº 8, 2001. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra8/sade.html>>. Acesso em 21 mai. 2016. 16:00.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da mãe Joana: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas**. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

POCHMANN, Marcio. **O impeachment de 1992 e o golpe de 2016**. Palestra proferida na mesa de abertura do II Salão do Livro Político, Centro Cultural São Paulo, 2 jun. 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=icLJXxJgBv0> >. Acesso em: 24 ago. 2016. 00:15.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. *In*: MARICATO, Ermínia *et al.* **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 9-20.

SAMPAIO, Kleber. Nomeado presidente da EBC, Laerte Rimoli diz que devolverá a empresa à sociedade. Agência Brasil, Brasília, 20 mai. 2016. Geral. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-05/nomeado-presidente-da-ebc-laerte-rimoli-diz-que-devolvera-empresa-sociedade>>. Acesso em: 14 jun. 2016. 23:50.

SANTIAGO, Emerson. Cortina de ferro. Info Escola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/cortina-de-ferro/>>. Acesso em: 20 mai. 2016. 23:30

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Epitáfio para o século XX e outros poemas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

TAKAYAMA, Luiz Roberto. Sade no cinema: Salò ou os 120 dias de Sodoma de Pier Paolo Pasolini. Cadernos de Ética e Filosofia Política, São Paulo, v. 1, n. 26, p. 192-198, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/108675/107007>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

TREVISAN, Maria Carolina. “Sem Globo, Brasil seria Venezuela”: As “pérolas” do novo presidente da EBC nas redes sociais. *Brasileiros*, 21 mai. 2016. Política. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2016/05/sem-globo-brasil-seria-venezuela-as-perolas-do-novo-presidente-da-ebc-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 14 jun. 2016. 23:45.

Título da matéria da revista veja de 18 de abril de 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso em 23 de mai. De 2016. 15:30.

VALÉRIO, Paloma Pirez. O Tribunal de Nuremberg e o sistema jurídico internacional. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, IX, n. 35, dez 2006. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1445>. Acesso em 21 maio 2016. 15:30.

ŽIŽEK, Slavoj. Problemas no Paraíso. *In: MARICATO, Ermínia et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 181-195.